Guia Histórico Cultural de Logradouros

Lugares e Memórias de Guarulhos

Tiago Cavalcante Guerra
Bruno Leite de Carvalho
Marcelle Marques de Andrade

NAVEGAR EDITORA

FICHA TÉCNICA

Projeto Gráfico: Tiago Cavalcante Guerra

Preparação de originais: Tiago Cavalcante Guerra, Bruno Leite de Carvalho e Marcelle Marques de Andrade

Composição e diagramação: Tiago Cavalcante Guerra e Equipe Navegar

Capa: Marina Pinto

Fotos: Marcelle Marques de Andrade e Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos

Revisão ortográfica: Maria Cecília C. E. H. Omar e Elaine Aparecida Costa Pires

Apoio Cultural: Secretaria de Cultura de Guarulhos e AAPAH

Colaboradores: Diogo Leite de Carvalho, Vaneide Chaves, Adilson Freire, Elmi El Hage Omar e Sandra Regina Alencar Cavalcante Lima.

Impresso no Brasil, 2014 - Pinted in Brazil

Expediente AAPAH

Conselho Diretor 2014—2016

Adriano Souza Silva —Diretor geral

Diogo Leite de Carvalho—Diretor adjunto

Augusto César Mauricio Borges — Diretor administrativo

Secretaria Executiva

Elmi El Hage Omar

Bruno Leite de Carvalho

Membros da AAPAH

Anna Maria Carneiro, Adilson Freire,Danilo Duarte Ramalho, Ellen Santana, João Paulo Gregório, Jociene dos Santos Peixoto, Marcelle Marques de Andrade, Vaneide Chaves, Silvia Prado, Renata Canuto Fontes, Tiago Cavalcante Guerra, Maurício "Tchê" da Torre. Alberto Adonay, Sidney de Paula, Eduardo Araújo.

AGRADECIMENTOS

A realização deste projeto não seria possível sem a ajuda do Fundo Municipal de Cultura, no papel do seu Conselho Diretor, e da Secretaria Municipal de Cultura de Guarulhos.

Não podem ser esquecidos os préstimos do Arquivo Histórico Municipal, do Arquivo Municipal e do Setor de Microfilmagem, que forneceram materiais imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Vale mencionar os entrevistados que aqui cederam suas falas, importantíssimas para matizar a questão da experiência pessoal na denominação de ruas da cidade.

À Sandra Regina Alencar Cavalcante Lima pela digitação do material precioso deste livro; à Marina Pinto pela arte da capa.

Agradecemos também o apoio de amigos e familiares.

Lugares e Memórias

O doutor Timóteo vive penteado ligando Vila Galvão ao centro

Com um trânsito caótico e barulhento.

O doutor Emílio Ribas passa em frente ao hospital e não cura ninguém

As mulheres dominam as alamedas, a mulher de verdade não precisa de luxo e riqueza. Só quer ser útil. A Yayá sempre prestativa, dando passagem para os ônibus e aos sábado faz a feira.

A Paz, a Justiça e a Verdade ficam lado a lado.

A abolição cruza com a independência.

A alegria fica próximo ao Tibet, junto aodeus do sol.

As flores descansam no jardim bebedouro.

A Argentina,aBrasileira,aEspanhola,a Italiana ,a Mexicana

A Portuguesafazem a festa da miscigenação.

Lugares ficam na memória e trazem histórias que podemos contar

Lembrar de quando os bois pediam passagem,o trem apitava avisando

A hora da viagem,a jardineira atolava no caminho,a praça Getúlio Vargas tinha pelada aos domingos, os piqueniques no lago...

Saudade de um tempo que não volta,o passado que prende e solta o futuro.

Que me preocupa e que me dá esperança, com um nó na garganta me despeço.

E luto para que o progresso não destrua a minha memória,que faz parte da história que ajudei a construir.

Diogo Leite de Carvalho

INSTITUCIONAL

A AAPAH – Associação Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico – é uma entidade sem fins lucrativos que visa à promoção e à conservaçãodos patrimônios materiais e imateriais da nossa cidade. Além de promover ações e projetos que envolvem a educação, a publicação de livros, o turismo social e cultural e a disseminação de informações ligadas ao turismo e à história local.

As nossas ações buscam trazer a aproximação da sociedade com os bens materiais e imateriais, para, assim, evitar a depredação, a má conservação e o esquecimento de costumes que caracterizam a identidade de uma comunidade.

A sensação de pertencimento e reconhecimentosão fatores importantes para o indivíduo viver e se movimentar na sociedade. Produz vínculos que constituem uma ou várias identidades. Essa sensação de importância social é um mecanismo para mudanças sociais e culturais.

As ações da AAPAH atualmente são praticadas no município de Guarulhos-SP, com projeto de expansão para outras cidades da região do Alto Tietê.

Os nossos projetos são sustentados por meio de parcerias, convênios e editais criados pelo Poder Público e instituições privadas.

Visite nosso site: www.aapah.org.br

APRESENTAÇÃO

Com o objetivo de informar aos cidadãos as denominações atuais e antigas, bem como resgatar a história da cidade de Guarulhos, mantendo vivos na memória os nomes antigos que fazem parte da história e cultura do povo guarulhense, a AAPAH publica o Guia Cultural de Logradouros de Guarulhos. Essa publicação relaciona avenidas, ruas, travessas, becos, alamedas e praças conforme temática pré-estabelecida no projeto de pesquisa. Resgatam-se assim os nomes dos referidos logradouros e sua historicidade. Como parte de uma pesquisa maior, a presente publicação faz um recorte do portal da internet, que congrega o conjunto maior deste trabalho, expondo apenas uma amostra representativa. Mais informações serão encontradas no site: **www.lugaresememorias.com.br**

Vale mencionar que este trabalho não se propôs a contar a história de todos os logradouros de Guarulhos, mas sim de alguns marcos significativos e representativos da nossa história. Por não se propor ser total, mas um olhar parcial de uma realidade, este trabalho poderá ter falhas e incompletudes. Por questões dessa ordem, este trabalho encontra-se constantemente sujeito a alterações para correções ou complementações.

Essa dinamicidade embasou a presente publicação e o portal na internet, que está aberto para todos.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios de sua existência, o homem denomina lugares por onde circula, servindo as palavras de marcas para sua localização e orientação. Os nomes de avenidas, ruas e praças referenciam as vias de circulação das cidades. A nomenclatura é a base principal de endereçamento, permitindo às pessoas orientarem-se e locomoverem-se na malha viária existente em cada região administrativa da cidade.

Denominar logradouros não constitui um ato banal ou, como às vezes retratado, como algo dispensável do cotidiano de legisladores municipais. Ao nomear uma rua ou uma avenida, passa-se a garantir cidadania para muitos moradores que, com frequência, levam anos sem receber suas correspondências em casa, além de sofrerem uma série de embaraços, como não receber contas de água, luz e esgoto. Enfim, denominar logradouros é um ato cívico que estabelece a plena cidadania.

Uma das formas mais comuns de dar nome às ruas era a popular: a população de maneira geral dava nome às ruas. Seja a presença de uma igreja, a moradia de um ilustre da cidade, alguma questão geográfica ou a existência de muitos comércios.

Ao dar nome às ruas, praças, avenidas, essa ação também implica participação social. Um nome pode ser um topônimo (vertente da linguística que estuda os

nomes próprios de lugares, da sua origem histórica à sua localização geográfica), falar sobre algum morador do local ou até mesmo de algum aspecto da identidade nacional, daí sua relevância de utilização pública. Isso confere ao local um aspecto importante da identidade, merecendo, portanto, ser preservado.

Século XIX

Nesse período, Guarulhos, como uma vila sediada em São Paulo, tinha toda a sua administração centrada na Câmara do município. Sobrepõem-se os logradouros que referenciam as estradas: Estrada Guarulhos-Nazaré, Estrada do Bom Sucesso, Estrada de São Miguel, Estrada do Cabuçu.

São poucas as menções a nome de rua no século XIX. Emancipada em 1881, a cidade tem seus núcleos populacionais distanciados uns dos outros. Penha e Juqueri, por exemplo, detinham mais da metade dos primeiros representantes da Câmara.

Além das estradas, os logradouros mais antigos da cidade eram Rua Direita, que depois virou Dom Pedro, e Praça Tereza Cristina, nomeados a partir de um suposto pernoite da família real na então Vila de Guarulhos, além de referências republicanas: Barão do Rio Branco, Sete de Setembro e Quinze de Novembro.

Destoando dos nomes do centro, nos núcleos mais

distantes, resistia os populares, tais como: Mato das Cobras, Cacimba de Dentro, Malhado dos Bois, etc. A maioria dessas denominações populares não mais existe, seja pela interferência do governo municipal, que substituiu grande parte delas, ou pelo simples desaparecimento das vias por conta das várias reformas urbanas. Exemplos dessa forma de se localizar podem ser vistos nas cartas de aforamento do final do século XIX, como a seguir:

Benedicto Pires de Freitas, aforou um terreno de índios no lugar denominado Matto das Cobras neste municípios. As divisas são as seguintes: Principia na estrada que vai ao itaverava, fronteando o córrego dos pinheiros .Dahi desse, procurando o dito córrego ate um vallo segue por este a dar no rio Carandirú. Deste sobre até a cabeceira do dito rio, dahi segue a fronteira até o caminho que vai a capelinha, e seguindo este até outro vallo, do lado direito segue este a dar em um tanque velho, deste segue por outro vallo até a água vermelha dahi segue água acima á divisar com terrenos de José Soares até a estrada que vai ao Itaverava seguindo a estrada até a primeira furna onde teve principio as divisas. Villa da Conceição dos Guarulhos – 3 de março de 1893.

Século XX

Os primeiro traços de ordenamento da cidade de

Guarulhos, ao observar os documentos da Câmara, são esboçados no início do século XX. Em 1908, foram nomeadas as primeiras ruas. Eram ruas novas, abertas em função do Cemitério, com o nome de Felício Marcondes Munhoz, Felício Antonio Alves, Capitão Gabriel José Antonio, João Gonçalves de Almeida e Gabriel Antonio Machado. As homenagens eram dadas em vida aos personagens que ocupavam cargos na Câmara da cidade, e, no caso do último, foi o idealizador do projeto de lei que nomeava as ruas.

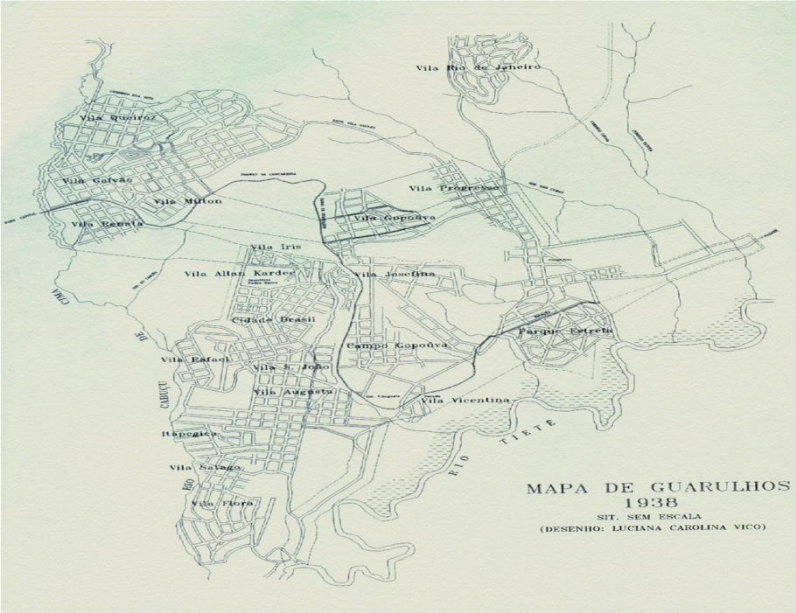
Até então, como vimos na carta de aforamento, com exceção das ruas centrais, os principais logradouros da cidade (ruas, caminhos e estradas) eram identificados como corredor de fulano, valo de beltrano, particular, inominada, número e letras. Porém, a necessidade de melhor planejar a cidade vai estimulando o ordenar as ruas. Mas o principal motivador é a arrecadação de impostos pela Administração Pública e o estabelecimento de lotes fundiários, que tendem a se concentrar, naquele momento, nas mãos de poucos.

Rua Felício Marcondes— Década de 1960.

Fonte: Arquivo Histórico

A própria legislação municipal sobre logradouros vai apresentar aspectos importantes de como a participação popular alterou a forma de nomear as ruas. Antes uma ação apenas Executiva, tornou-se função do Legislativo. O que parecia ser um ato vertical passou a ter a necessidade de ser justificado.

Entretanto, durante os primeiros anos de administração, a Câmara Municipal por meio de atos nomeava os nomes de ruas. Temos nos documentos da cidade vários exemplos desse tipo. Nos anos 30, 40 e 50, conforme a intensificação do processo de loteamento, as ruas eram abertas sem nenhum tipo de ordena-



mento. Cabia aos “loteadores” a responsabilidade dos batismos, muitas vezes, sem reconhecimento da Prefeitura. Na planta acima , fica nítido o processo de loteamento na cidade, que criava bairros que se integravam por meio de caminhos e estradas.

Eventualmente, também eram realizadas homenagens, como, por exemplo, a Rua Padre Celestino, que antes se chamava Corredor da Cacha D´Água, dado em 1929, ou a travessa Torres Tibagy, em homenagem ao engenheiro responsável pelo Trem da Cantareira.

Trem da Cantareira, iluminação e loteamentos

As motivações para abrir vias são diferentes daquelas de nomear. Apesar de invariavelmente se cruzarem, a abertura de vias é praticamente independente e obedece a processos específicos. Observamos que em Guarulhos algumas forças se movimentaram para abrir vias, independente da Administração Pública, antes propriamente do que nomeá-las, responsabilidade do Poder Público. Com a exploração dos serviços de transporte e iluminação, por parte da Tramway Cantareira e pela Light Power, se acelera o processo de abertura de vias, ao mesmo tempo que há a necessidade de nomeá-las.

A Tramway Cantareira surge com o objetivo de construir a Adutora Cantareira no final do século XIX. Em

1915, chega a Guarulhos, com estações em cinco bairros da cidade (Vila Galvão, Torres Tibagy, Gopoúva, Vila Augusta e Guarulhos). Em torno desse traçado os loteamentos se intensificam, ao mesmo tempo que a abertura de vias.

A São PauloTramway, Light and Power Companycomeça a prestação de serviços em Guarulhos em 1917, com um contrato de iluminação pública. É feito assim o mapeamento do centro da cidade e iniciada a troca do lampião de óleo de baleia por iluminação a gás. Em 1922, são inauguradas na Rua Felício Marcondes as primeiras lâmpadas de iluminação pública.

Paulatinamente, as duas companhias, com o processo de loteamento, "pressionam" o crescimento da cidade e, ao mesmo tempo, a criação de novas vias públicas.

1932 – Guarulhos pró-Getúlio ou anti-Getúlio

Como sabemos, Guarulhos é uma das poucas cidades de São Paulo com o nome de Getúlio Vargas em destaque, no caso, em uma praça. Um dos processos mais interessantes na cidade em torno do ato de nomear ruas talvez tenha se dado no início dos anos 30, precisamente, após a subida de Getúlio ao poder.

É nomeado um novo prefeito, aliado ao novo governo provisório que subia ao poder em 1930, tendo a frente Getúlio, dando fim à política "Café com Leite", que estabelecera até então a plenitude dos políticos de Minas Gerais e São Paulo no poder central. Assume o prefeito Delezino de Almeida Franco do Partido Democrático Paulista. Um dos primeiros atos, além de defenestrar todos os políticos ligados ao Partido Republicano Paulista, situacionista, é nomear algumas ruas em homenagem aos revolucionários de outubro: Getúlio Vargas, Miguel Costa, Izidoro Dias Lopes, José Adriano Marrey Júnior e João Alberto. Esses dois últimos em especial: o primeiro, líder do PD em São Paulo e getulista da primeira fila; e o último, interventor federal nomeado pelo próprio Getúlio, a contragosto dos paulistas. A situação política se transforma em poucos meses. O Partido Democrático funde-se ao Partido Republicano Paulista, antigetulista, e o Estado se mobiliza contra o governo provisório.

Em Guarulhos, novos ventos direcionam a política, e, em abril de 1931, é nomeado o Major Ariovaldo Panadés. Em julho do mesmo ano, respondendo às tensões antigetulistas que já contaminavam a província, o prefeito destituíra os logradouros anteriores, homenageando exemplos do "sangue" paulista: Oswaldo Cruz, Teodoro Baima e Ramos de Azevedo.

Ainda sob a mesma influência, em janeiro de 1932, é decretado o Ato n. 65, o primeiro esboço de legislação

sobre o tratamento do nome de ruas, que trazia assim no seu preâmbulo:

Considerando que a maior parte das ruas do Peri- metro central da cidade estão sem placas demons- trativas; considerando que essa falta vem perturbar a boa marcha dos serviços públicos, daí a confusão reinante na denominação antiga, alterada em 1930, pela vontade popular em sua expansão de júbilo pelo evento revolucionário; considerando que os atos anteriores não resolveram plenamente a questão.

É alterado um conjunto de ruas, enfatizando referências paulistas, republicanas e locais: Cesário Motta, Campos Sales, Barão de Mauá, Força Pública, Senador Vergueiro surgem na cidade. Poucas referências a Getúlio Vargas permaneceriam, como a Rua 24 de Outubro e a Praça João Pessoa.

Com outras cidades de São Paulo, Guarulhos se une à capital contra o poder federal em julho de 1932, dando início ao Movimento Constitucionalista, criando até a sua própria Guarda Municipal. Ainda como resultado desse momento, uma outra rua emerge em homenagem a um constitucionalista: a Rua General Marcondes Salgado.

A Legislação Municipal

Visando a responder, mas principalmente controlar o processo de loteamento na cidade, em 1951, a Prefeitura publica decreto de criação do Serviço de Estrada e Rodagem, tratando especificamente das estradas e caminhos da cidade. De certa forma, essa é outra tentativa da Prefeitura de colocar ordem na casa e controlar a abertura de vias na cidade.

Até a década de 1960, os nomes de ruas e bairros não obedeciam nenhuma normatização mais específica, convivendo nomes do centro expandido da cidade (Centro, Vila Rachid, Vila Palmeiras, Jardim Santa Francisca) com os dados pelos loteadores em bairros que surgiam interligados por estradas (Vila Rio, Cumbica, Gopoúva).

Em 1972, é oficializada a Lei n. 1.669/72 pelo interventor federal Jean Pierre Herman de Moraes Barros, com o seguinte objetivo: "Disciplina os Processos de denominação e de alteração de denominação de bairros, vilas, vias, praças, logradouros públicos, edifícios e obras públicas". Em uma época de restrição de liberdade, o decreto é altamente centralizador, logo no seu artigo 3º, sendo de competência exclusiva do Executivo a nominação de ruas. Mesmo com a necessidade de embasamento de estudos, no mesmo decreto vemos uma alusão a respeito das tradições populares, desde que "não sejam pejorativas ou contrárias à ordem pública ou aos bons

costumes". Nomes como os a pouco citados, bem ao gosto do vernáculo popular, não passariam ao primeiro filtro. Na mesma lei, outros requisitoscomo apenas pessoas falecidas há mais de um ano e que foram exemplos cívicos. Em tempos de ditadura e na disputa de uma memória oficial, o inciso *D* do mesmo artigo traria:

os nomes de pessoas já falecidas, as datas, atos ou fatos marcantes do cenário cívico nacional, consa- grados pela História do Brasil, em qualquer tempo e em qualquer campo, mediante prévia atestação do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo.

Seria necessária a chancela do especialista e a do notório saber. Como para corroborar, o parágrafo único da mesma legislação: "Não poderão receber a homenagem póstuma prevista nesta Lei as pessoas que perderam seus direitos políticos".

Apesar do nítido caráter retrógrado, a mesma lei apresentava alguns avanços ao impedir que os donos de loteamento dessem nomes às vias, impedindo as homenagens em vida e as referências indiretas, ou nome dos familiares que estavam na vida pública. Entretanto, no fim do mesmo ano, a Câmara suprimiria as medidas mais avançadas da época, permitindo novamente a homenagem em vida com a denominação de logradouros da

cidade. O centralismo do Executivo e a proibição de nomear pessoas que perderam seus direitos políticos continuariam até 1991.

Sob as luzes da Constituição de 1988 e com o período de redemocratização, em 1991, o prefeito Paschoal Thomeu renovaria o decreto de 1972, permitindo a participação do Legislativo, mas sem outras mudanças substanciais. É com a Lei n. 4.110 de maio de 1992 que há uma transformação na forma de se nomear ruas na cidade. Em tempos de abertura, claramente se amplia o horizonte, estabelecendo critérios mais abrangentes como nomes de pessoas falecidas; datas ou fatos históricos que representem, efetivamente, passagens de notória e indispensável relevância; nomes que envolvam acontecimentos cívicos, culturais e desportivos; nomes de obras literárias, pictóricas, musicais, esculturais e arquitetônicas consagradas; nomes de veículos marítimos, terrestres, aéreos e espaciais famosos; nomes de personagens de folclore; nomes de corpos celestes; nomes de acidentes geográficos; topônimos; e nomes de animais, vegetais e minerais. Estabelece também de forma definitiva no artigo 11: "Em hipótese alguma dar-se-á a logradouro público, nos termos desta Lei nome de pessoa viva". Uma outra preocupação eram os homônimos. Por isso, seria também incumbida de responder pelos logradouros a Secretaria de Planejamento, que ficaria com um setor responsável pelos logradouros.

Apesar de já contar com a participação popular para a alteração de logradouros, desde que obedecida a anuência de 2/3 dos moradores, a normatização ainda seria de responsabilidade do Executivo. A promulgação da Lei Orgânica do Município dava aos poderes Executivo e Legislativo o dever de nominar ruas e, a este último, a responsabilidade de elaborar a síntese histórica do homenageado. Essa legislação adquiriria uma nova redação em 2007, mas mantendo-se praticamente com o mesmo teor.

Passados tantos anos, é de se considerar que Guarulhos possui uma legislação completa no que tange a denominação de logradouros. Apesar de existirem ainda muitos homônimos, como veremos a seguir, a atual lei prevê a participação popular na escolha ativa e na alteração que lhe couber, além de prever a participação do Legislativo na elaboração de sínteses dos homenageados.

Recentemente, houve uma série de homenagens a pessoas comuns, mas que na história de suas vidas estabeleceram vínculos com sua comunidade ou com a cidade como um todo. Esportistas, professores e lideranças de bairros se sobrepuseram às famílias e personalidades de sempre, recebendo assim justas homenagens.

Trevo de Guarulhos—1973.

ESTRADAS E CAMINHOS

Guarulhos é uma cidade privilegiada de acessos. Mantém ainda hoje divisa com várias cidades da região metropolitana, além de estar "conurbada" com a cidade de São Paulo, capital e centro econômico do estado. Essa situação remete ao passado de Guarulhos, em que suas estradas e caminhos, devido às suas dimensões e importância, marcaram a constituição territorial da cidade. Servindo de passagem para São Paulo (Estrada Conceição), ou interligando São Paulo ao Rio de Janeiro (Estrada Geral), ou servindo às minas de ouro da cidade (Estada Catas Velhas), essas vias fortaleceram núcleos populacionais na cidade, interligando-os. Como afirma Carlos José Ferreira:

em sua origem, a identidade de vários espaços de Guarulhos, assim como a do próprio município, constituiu-se por meio de redes de sociabilidade lo cais, internas a Guarulhos e suas proximidades, que não derivaram diretamente de uma situação de dependência em relação a São Paulo (FERREIRA, 2006, p. 32).

Em 1975, o Poder Público procurou oficializar as estradas municipais, para enfim ter o maior controle. Foram citadas "Estrada dos Pimentas", "Estrada Bonsucesso --

São Miguel", "Estrada Velha de Bonsucesso", "Estrada Guarulhos -- Nazaré", "Estrada Lavras", "Estrada TanqueGrande", "Estrada Bananal", "Estrada Itaberaba", a "Estrada Veigas", a "Estrada Arujá", a "Estrada Mato das Cobras", a "Estrada do Cabuçu", a "Estrada da Água Chata", a "Estrada do Coronel", a "Estrada das Três Cruzes", a "Estrada da Cruz Preta", a "Estrada do Moinho Velho", a "Estrada da Várzea do Palácio", a "Estrada da Cerâmica", a "Estrada Recreio São Jorge e a "Estrada Santa Emília". Suas nomenclaturas se constituem referenciais da expansão urbana da cidade, pois remetem a processos antigos de formação dos núcleos populacionais da cidade e são as mais antigas vias da cidade, conforme Adolfo Noronha:

A Estrada Geral (de Guarulhos à Bonsucesso) TAM bém foi aberta por volta de 1600, pois servia às mi nas de ouro. A princípio, houve três grandes ramos, tributários da Estrada Geral: o caminho de Bonsu- cesso; o das Catas Velhas, que ligava a Estrada Ge-ral em meio ao trajeto Guarulhos-Bonsucesso; e dês te último, à esquerda, nascia, o terceiro ramo, que ia para o Tanque Grande, na Serra do Bananal (NORONHA, 1960, p. 40).

Trazemos a seguir o compêndio de algumas dessas reminiscências identitárias.

Estradas dos Veigas

Inicia-se no limite dos bairros Cabuçu e Taboão e chega a Mairiporã. É uma estrada completamente de terra com algumas ligações para as estradas do Saboó, Marmelos, das Oliveiras, etc. O nome "Veigas" está associado a Amador Bueno da Veiga, bandeirante paulista que recebeu uma carta de sesmaria em 1717. O terreno ficou conhecido como Fazenda Bananal, com início na várzea do Rio Baquirivu Guaçu e término em Juqueri (atual Mairiporã).

Estrada do Saboó

A estrada do Saboó foi também utilizada como ramal pelos bandeirantes e tropeiros que se dirigiam a Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Saboó é definido como terreno escorregadio e coberto por mata rala. Por causa dessa característica surgiram as expressões "estrada do quebra-perna", "morro do quebra pé", etc. A Saboó era também chamada de Estrada do Bananal ou Caminho do Juqueri (atual Mairiporã). Em 2007, a estrada passou a se chamar Martin Luther King.

Estrada Guarulhos – Nazaré (Jardim São João)

O conjunto das seis lavras de ouro que existiram em Guarulhos era acessado pelos ramais da Estrada Geral (Lavras: Catas Velhas, Bairro das Lavras, Monjolo de Ferro, Campo dos Ouros, Bananal e Tanque Grande). A Estra-

da Velha de Nazaré começava atrás da antiga Igreja da Irmandade dos Homens Pretos de Nossa Senhora do Rosário, na atual Rua Dom Pedro II. Após a Base Aérea de Cumbica, para quem se deslocava no sentido centro-bairro, tinha que entrar à esquerda, atravessar a várzea do rio Baquirivu-Guaçu e alcançar o atual Jardim São João. No início da construção do Aeroporto, em 1979, esse trecho deixou de existir. Entre 1741 e 1748, foi chamado de "Caminho das Lavras Velhas" ou "das Catas Velhas".

Estrada Velha do Itaberaba

É uma estrada de terra que permite acesso às cidades de Santa Isabel e Nazaré Paulista por cima da serra, em meio à Mata Atlântica. Uma curiosidade desperta atenção: na década de 40, consta que a região era chamada de Serra da Fumaça. O nome está associado ao desmatamento e aproveitamento da madeira para fabricação de carvão vegetal, destinado às indústrias, principalmente a Nitro Química.

Estrada Velha Guarulhos —São Miguel

Estrada que ligava Guarulhos a São Miguel. Durante muito tempo foi a principal via de acesso a zona leste da cidade de São Paulo. No caminho duas importantes referências identitárias da região: Adega Casteluche e a Nitroquímica. Hoje é muito utilizada como rota de fuga para o trânsito da região de Cumbica.

AS RUAS NA ORALIDADE

Contar a história de uma rua, ou como ela ganhou determinado nome, é uma das facetas mais fascinantes do conhecer o porquê de um nome de rua. Aqui se misturam história de vida com experiências coletivas, pressão oficial e resistência cultural.

A opção por esse tipo de fonte (oralidade) também tem as suas especificidades e limites. Se por um lado seu valor reside no fato de emanarem da subjetividade dos indivíduos, por outro também abriga dificuldades, afinal, subjetividade implica sentimento, momento, emoção. Conforme Paul Thompson, "A história oral trabalha com a memória que está sujeita a falhas". Mas essa falha, por si, também é um elemento que deve ser levado em consideração, desde que matizado por outras fontes, sejam documentais, sejam iconográficas. Novamente,

> *a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais. O que interessa em história oral é saber por que o entrevis tado foi seletivo, ou omisso, pois essa seletividade com certeza tem seu significado* (THOMPSON, 1992, p. 19).

Os fragmentos de entrevistas aqui selecionados têm essa característica, sobre ser subjetiva e seletiva, mas

também abrangente e representativa. Elas foram colhidas em momentos diferentes e com objetivos também diferentes: foi parte de uma publicação lançada; para fazer parte de uma futura publicação; e tem uma terceira parte que é especificamente deste projeto. Entretanto, na sua incompletude e variedade, elas são sintomáticas da relação munícipe e administração pública e o papel histórico que o ato de nomear logradouros cumpre em épocas tão diferentes.

CECAP

Praça Alexandra Gil ou Eduardo Caramuru?

O pessoal conhece esta praça como Praça Alexandra Gil, mas a Praça Alexandra Gil é antes do viaduto. O Gil era muito amigo nosso, quando a filha dele morreu atropelada ele colocou esse nome. Quando eu entrei com um processo pra colocar o nome Francisco Eduardo Caramuru, eu que fui pedir pro Pascoal Thomeu colocar porque esse rapaz morreu de câncer com 32 anos. A gente ficava conversando pelo buraco do gás. (...) Quando a filha do Gil morreu foi dada essa Praça. Então o Gil me pediu e eu deixei pra lá. Lá é conhecido como Alexandra Gil, mas se você pegar o mapa de Guarulhos você vai ver Praça Francisco Eduardo Caramuru.

Walter Fuso, ex-presidente do Centro Comunitário do Cecap

Nomes de pássaros ou de pessoas

Então foi feito um meio termo: "vamos colocar uma parte de nome de pessoas e outra parte de Alameda Sabiá". A Rua Odair Santanelli, por exemplo. Esse rapaz trabalhava com o Dr. Martins no Centro Comercial. O Dr. Martins foi um delegado, presidente do Clube, muito bacana. Como não tinha nome de ninguém então colocou esse nome. Ali tem a Rua Benedito Barbosa. O senhor Benedito era uma pessoa que não saía de casa, pacato. Bom, o senhor Benedito morreu e então colocamos o nome dele na rua. Esse senhor morava no Paraná. Só que hoje está muito difícil. Pra colocar o nome na rua todos os moradores têm que concordar. Antigamente não, você ia lá ao Prefeito e falava põe o nome de tal pessoa e pronto. Como nós fizemos com esses que estão hoje.

Walter Fuso, ex-presidente do Centro Comunitário do Cecap

JARDIM TRANQUILIDADE

Mudanças nos espaços naturais

"Abaixo da Rua Dona Dica tem a rua Freire de Andrade, onde já pertence ao jardim Vila Galvão. Abaixo dessa rua existia a biquinha, onde quem mudou para cá naquela época, em 1948 - inclusive muito antes de a gente chegar - existia a Lagoa Biquinha, minas, águas boas, on

de as senhoras daqui, inclusive minha mãe e minha tia lavavam roupa, as crianças tomavam banho. Quem é antigo na Tranquilidade já passou pela Biquinha. E era um lugar muito saudável. Hoje não existe mais, é formado por edifícios. Lá tem o Lar São Francisco, que toma conta de idosos, é naquele local ali. Ali onde é o pensionato."

Antônio Roberto Mariano, conhecido como Mariano, morador do Jardim Tranquilidade

Rua Cabo Antônio

(...) mas nesta rua que nós estamos aqui, onde está o Bar do Pipoca, tinha outro nome na época, era rua Batuíra e hoje é Cabo Antonio da Silva, que era um soldado do corpo de bombeiros, aonde ele salvou algumas vidas no trabalho dele, como morava nessa rua, ainda com ele em vida, colocaram o nome dele. Até hoje e deverá não ser mudada mais.

Antônio Roberto Mariano.

Trem da Cantareira

Lembro muito bem porque eu frequentava muito esse trem. Quando eu trabalhava no centro de São Paulo, eu o pegava na Vila Augusta, onde é o anel viário. Eu morava aqui perto do Stella Maris, eu descia a pé todo dia. Tinha umas lâmpadas bem pequenininhas e parecia que você tava fumando, porque aquele tempo aquela fuma

ça saia da boca da gente. Eu o pegava aqui e descia na estação Cantareira ás seis e meia, eu entrava às sete, tinha de atravessar a rua Jorge Miranda, av. Tiradentes, eu trabalhava perto do colégio Dom Bosco, a rua Amazonas.

Wilson Mario Machado, policial aposentado, morador do Jardim Tranquilidade.

Avenida Emílio Ribas: a representação desse logradouro para um hanseniano

Hoje, eu lamento que tenham dado esse nome a essa avenida. Essa avenida deveria chamar-se doutor Lauro de Souza Lima, me emociona lembrar-se desse moço. Sabendo que ele com tantos títulos. Era um pai para nós. O Emílio Ribas, para mim? Ele que sugeriu o parlatório, isolamento do doente de lepra. O que é que eu vou querer o nome desse homem aí em uma avenida, que passa em frente ao Hospital Padre Bento, onde o doutor Lauro foi diretor.

Arnaldo Rubio, foi interno do Sanatório Padre Bento e escreveu o livro "Eu Denuncio o Estado".

CURIOSIDADES

Nessa seção apresentamos algumas curiosidades relacionadas aos nomes de ruas de Guarulhos. Não nos pretendemos estender, até porque este livro é apenas uma pequena parte do banco de dados contido no site Lugares e Memórias de Guarulhos. Mas é interessante para refletirmos sobre alguns aspectos que determinaram mudanças de nomes e surgimento de outros.

Quantas ruas em Guarulhos

Numa contagem preliminar, foram listadas pouco mais de 6.200 ruas na cidade de Guarulhos. Os nomes que mais aparecem são DOIS, TRÊS e PARTICULAR, com mais de 25 ruas cada uma. Figuras da cultura popular como CATULO DA PAIXÃO CEARENSE e PATATIVA DO ASSARÉ convivem com outros nomes difíceis de decifrar seus significados: PIRIPIRI, SIRIRI, QUIJINGUE e POXEREU.

Personalidades locais

Quando se fala em nomes de ruas não se pode considerar as personalidades locais que foram homenageadas de uma forma ou de outra. A bem da verdade, o grosso da população ignora quem são esses personagens, principalmente pelo nome, mas seus sobrenomes compõem facilmente a história política de nossa cidade. FACCINI, THOMEU, BRANCALEONI, KIDA, MARTELLO, POLI, FANTAZZINI, CECCHIINATO, FANGANIELO, POLILO, MESQUITA, etc. Muitas vezes esses nomes se misturam, como

por exemplo, FANTAZZINI CECCHINATO, FACCINI POLI, indicando união dessas famílias em algum momento. Enfim, a família que é mais homenageada por logradouros na cidade é a família MESQUITA. Cabendo ressaltar a possibilidade de heterônimos familiares, a família FANTAZZINI é a que possui mais menções nos logradouros da cidade.

Nomes estranhos

Em 1976, a gestão Néfi Tales realizou uma "Cruzada" contra os nomes estranhos que ainda existiam pelas ruas da cidade. Nas duas reportagens a seguir, fica explícito o incômodo que trazia o nome de algumas ruas para uma cidade que se via como "a cidade progresso":

Néfi Tales mudará nome esdrúxulo de ruas

Entra hoje em primeira discussão na Câmara Municipal, um projeto de lei do Executivo, autorizando a Prefeitura Municipal a proceder alterações em denominações de ruas logradouros públicos que tiveram sua denominação oficializadas através de vários decretos na gestão anterior. A importância desse projeto reside no fato de as denominações oficializadas na época, e levadas a efeitos já na atual administração, terem provocado a revolta da população por serem nomes esdrúxulos.

Na exposição de motivos que acompanha a mensagem à Câmara, o prefeito Néfi Tales dá exemplo de algumas denominações de vidas e logradourospúblicos que

merecem ser substituídas, por prestarem ao ridículo: Alcubucas, Anta Gorda, Arroio dos Ratos, Ano Bom, das Almas, Apito Antena, Armazem, Ascurras, Bacabal, Birita, Brejo, Bique, Barracão, Batina, Bingo, Bom Despacho, Barra das Chocas, Cabeceiras, Cacimba de Dentro, Cadicom, Canapeira, Capicus, Chá de Alegria, Click, Cococi, Caminha Um, Chibata, Catingueira, Chopinho, Doações, Douradoquara, Descoberto, Espera Feliz, Espumoso, Encruzilhada, Escada, Escama, Faxinal do Soturno, Frei, Frico, Feliz Deserto, Feliz Ferro, Ficha, Grossos, Galinhos, Catolândia, Gira, GPM Grampo, Ibipitanga, Iconha, Interina, Joãozinho, Kahantec, Lagos de Gatos, Leichões, Liei, Latex, Minsk, Miradoxiro, Malhado dos Bois, Milagres, Moedas, Morrinhos, Morro da Fumaçã, Morro do Chapéu, Muçum, Passa e Fica, Passa Vinte, Pindombaçu, Porciúncula, Palhaço, Panair, Passa Tempo, Patota, Patrinha, Piranhas, Platas, Reta, Ratolândia, Ripa, Sal, Shina, Trovão, dos Tombos, Trombundos, Vasp, Véu e outras.

Afirma Néfi Tales são cerca de duzentos casos de ruas e praças cuja denominações devem ser alteradas. Como a denominação de logradouros e vias públicas é da alçada do Executivo, ele solicita que seja aprovado o projeto englobando todos esses casos, pois seria altamente demorado e burocrático enviar um projeto de lei para cada caso. Informa ainda que existe uma comissão encarregada de estudar essas denominações, dando novos nomes a algumas ruas e voltando outras os nomes

antigos. Essa comissão, uma vez aprovado o projeto, estudará também as inúmeras indicações de vereadores propondo alterações de nomes de rua, ou denominação para rua sem nome.

(*Folha Metropolitana*, 12/05/1977)

Alan preocupa-se com nome de ruas

Localizar-se um endereço em Guarulhos é coisa bem mais difícil do que se possa imaginar. Existem mais de uma rua com nomes parecidos, ou até mesmo com nomes iguais, isso sem se falar na numeração esdrúxula das casas. O vereador Elísio de Oliveira Neves, o "Alan" há muito vem se preocupando com esta questão, tanto que já apresentou à câmera projeto de lei, propondo a disciplinação nesse setor.

Em Guarulhos existem, por exemplo, Rua Guarulhos e Av. Guarulhos. Esse e outros exemplos, são o suficiente para deixar em palpos de aranha qualquer visitante que procure localizar alguém na cidade, cujo o próprio crescimento desordenado já se constitui em problema.

Já faz algum tempo que Alan apresentou seu projeto de lei, aprovado e sancionado pelo executivo, visando a disciplinação de nomes de ruas números de residências, mas até agora a situação permanece igual. È claro que qualquer medida nesse sentido será demorada, mas o vereador arenista volta a carga, reforçando sua tese.

"Existe por exemplo, uma rua Rio Acima e uma Rio Abaixo – dizia Alan, ontem – Ora, nós estamos no século vinte, Guarulhos já é uma cidade grande, esse tipo de denominação já está ultrapassado." Apesar da seriedade do assunto, já tem gente fazendo blague, afirmando que o vereador arenista não se preocupa tanto com as Ruas Rio Acima e Rio Abaixo, mas com a situação das ruas que ficam no meio.

(*Folha Metropolitana,19/05/1977*)

Homenagem a militares

Durante o governo de Jean Pierre Hermand, interventor federal na cidade, Guarulhos teve a legislação de logradouros mais autoritária de sua história, definindo que cabia apenas ao Executivo nomear ruas na cidade. Em junho de 1970 é apresentada uma sugestão para que se resolvesse o problema de homônimos das ruas e, obviamente, se realizasse melhor a cobrança de impostos. Segundo consta no documento pesquisado, "em nossa cidade, tal serviço se torna oneroso e grandemente dificultoso pelo excessivo número de ruas com nomes iguais, permitindo aos contribuintes ficarem acobertados muitas vezes à sombra das dificuldades do próprio endereço". Como sugestão, foi apresentada uma lista de militares brasileiros mortos na Segunda Guerra Mundial, durante a batalha da Itália. Em apenas uma semana, no ano de 1971, provavelmente em "comemoração" ao malfadado

Golpe Militar de 1964, o nobre interventor batiza mais de cem ruas com nomes de militares. Homenageados no dia 31 de março de 1971, todos sem relação aparente com a cidade, mas ex-combatentes mortos na Segunda Guerra Mundial. No total, foram 194 denominações em diversos bairros da cidade como Jardim Santa Mena, Jardim Santa Francisca, Vila Hermínia, Jardim Galvão, Vila Capitão Rabello, entre outras. Exaltando o ato realizado, o chefe de gabinete da época diria:

...parece-nos das mais oportunas. É tempo de deixar de nominar ruas objetivando-se apenas a lisonja a determinadas famílias, em detrimento de vultos realmente expressivos de nossa história pátria. Em época como a nossa, onde medra, graça e campeia livre avassaladora inversão de valores, tal medida seria altamente educativa e oportuna.

Nesse mesmo processo é também denominado o antigo caminho do trem da Cantareira de Av. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, o primeiro ditador de turno no Brasil pós-golpe.

Na mesma lista aparece o nome de Artur Marcondes Siqueira, ex-combatente na Segunda Guerra, mas que não tombou em combate. Nascido em Guarulhos, foi homenageado com um nome de avenida em Bonsucesso, porém, antes do processo acima citado.

GUARULHOS EM MOVIMENTO

A fotografia como fonte histórica

Por Marcelle Marques de Andrade

A fotografia nasceu como linguagem associada à função social que a pintura desempenhava no início do século XIX. Ela aparece no ambiente positivista, fruto da vontade do homem de encontrar uma forma mecânica de representação e reprodução da realidade, a que Boris Kossoy chama de segunda realidade. A fotografia, enquanto forma de registro da imagem, assumiu ao longo da sua existência um caráter documental.

Na sociedade atual, a utilização da imagem é intrínseca ao ato de se comprovar ou acrescentar informações, e, não raras vezes, a imagem é personagem central dos elementos que nos são transmitidos. Porém, para nós historiadores, a fotografia cerceia a linha tênue que expõe a validação da fotografia como fonte histórica. No entanto, é importante lembrar que existem muitos fatores que nos fazem repensar o velho ditado de que uma imagem vale mais que mil palavras: a manipulação da fotografia, a parcialidade na sua escolha e os múltiplos fatores que influem na percepção que dela se tem.

No trabalho histórico a imagem não vale por mil pa lavras. A gênese e a história dos documentos foto gráficos, assim como os fragmentos do mundo visí vel passado que esses mesmos documentos preser-

vam congelados, requerem, para sua devida com preensão, uma ampla gama de informações advin das de diferentes áreas do conhecimento (KOSSOY,1980, p. 36).

A fotografia não corresponde à verdade histórica. Tem em si potencial informativo, que poderá ser alcançado à medida que esses fragmentos forem contextualizados com a história em seus desdobramentos sociais, políticos, culturais, que se encontram no tempo e no espaço. No ato da tomada do registro,

O historiador precisa situar a fotografia em um de terminado tempo e espaço e perceber as suas al- terações e do contexto. O ofício do historiador consiste na realização da crítica interna e externa do documento e, nesse sentido, alguns métodos de análise permitem-lhe a leitura dos documentos visuais (CANABARRO, 2005, p. 42).

Caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória.

Para Kossoy, a manipulação é inerente à construção da imagem fotográfica. A foto é sempre manipulada, pois se trata de uma representação segundo um filtro cultural que são as interpretações culturais,

estéticas/ideológicas e de outras naturezas que se acham codificadas nas imagens.

Indiscutivelmente as fotografias são fontes de informação histórica e, da mesma forma que os documentos escritos, possuem e trazem em sua constituição uma ambiguidade. O seu caráter informativo só pode ser alcançado quando se propõem ir além das aparências, apontando crítica e interpretação, caso contrário, permanecemos na superfície das imagens, fotografias ilustrativas sem densidade histórica.

Este livro se propôs ir além da contextualização de imagens, pois com a ideia de se "repetir" fotografias, muitas das quais consagradas na memória imagética dos cidadãos guarulhenses, apresentando "uma âncora visual que corrobora, clarifica e aumenta a percepção histórica..." (FINN, 2009, p. 16), se torna um grande desafio. Para o leitor são primordiais algumas ressalvas:

1. A lente da máquina digital não reproduzirá integralmente as imagens originais, captadas com outro suporte tecnológico e em outro contexto;

2. Mudanças radicais, que tornam os locais irreconhecíveis, inviabilizaram a realização de algumas fotografias;

3. Apoiamos-nos em outras fontes para explicar o contexto no qual se inserem as imagens, a fim de que pu-

déssemos interpretar as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

À medida que a urbanização avança ocorrem transformações. Provavelmente a fotografia da Igreja Matriz capte bem o choque de contrastes entre a imagem antiga, quando se via um coreto e carros de boi em frente à antiga construção, e a paisagem atual, rodeada de prédios comerciais.

Nesta pesquisa, muitas vezes ouvimos pessoas, visitamos suas casas, vimos seus acervos particulares, e isso engrandeceu o trabalho. Mas, caro leitor, entenda que este não é um trabalho saudosista, e sim fruto de uma rica experiência que, esperamos, conduza a uma interação com a paisagem urbana de Guarulhos, suas mudanças, rupturas e permanências.

Acreditamos que o leitor possa observar que implicitamente nas fotografias estão espaços urbanos, que além de serem patrimônios históricos são importantes testemunhos da história.

Enfim, as fotos mais antigas foram pesquisadas no Arquivo Histórico Municipal, observando critérios técnicos e de relevância. As fotos atuais foram feitas por mim no início de 2014.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este livro é incompleto, pois nunca pretendemos falar de todas as ruas e logradouros de Guarulhos. Seria um compêndio interminável e pouco atraente ao leitor. Tentamos aqui apresentar algumas informações, histórias e relatos sobre como a cidade de Guarulhos nestes seus 134 anos de emancipação, procurou responder a uma demanda que cresceu junto com a cidade: a demanda de nominar ruas. Útil como vimos para criar uma padronização de condutas; fundamental para realizar controle de loteamentos; oportuno para fazer homenagens conforme as necessidade de momento.

Nominar ruas serviu também para tentar apagar costumes e formas de viver do passado, mas que as pessoas ousaram mantê-las de alguma forma. Este livro é acima de tudo uma possibilidade de resistência da cultura, de recuperar os ecos do passados que a modernidade insiste em pavimentar e cimentar.

Como ainda está incompleto, é necessária sua participação. Por isso insistimos que após a leitura deste, se aventure em nosso site, colaborando com o mosaico de histórias que são os nomes de ruas, patrimônio nosso, que sempre estará em risco, mas que preservá-lo é basilar para a identidade de Guarulhos.

www.lugaresememórias.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia em Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas, volume II. São Paulo: Brasiliense. 1993

BLOCH, Marc. **Introdução a História**. Europa-América, 1965.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo, Ateliê, 2. ed., 2003.

BURKE,Peter (org.): **AEscritadaHistória**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras. 1987.

CAMARGO, L. S. Os nomes das ruas: breve história de um patrimônio sempre em risco *in***Revista do Arquivo Municipal / Departamento do Patrimônio Histórico**. V. 204. São Paulo: DPH. 2006

CANABARRO, Iv. **Fotografia, História e cultura fotográfica: Aproximações**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, 2005.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do Cotidiano 2: Morar, Cozinhar.** Petrópolis: Vozes. 2009.

CIAVATTA, Maria. **Educando o trabalhador da grande família: a fotografia como fonte histórica**. Rio de Janeiro, 2003.

LE GOFF, Jacque. **História e Memória**. Unicamp, SP: 1998.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces.** Tempo, v1. N2. UFF, Rio de Janeiro: 1996.

NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares.". **Revista Projeto História**,São Paulo: PUC, nº 10, dez. 1993, p. 7-28.

NORONHA, Adolfo de Vasconcelos. **Guarulhos: Cidade Símbolo.** Guarulhos. s/e. 1960.

PREFEITURA DE GUARULHOS. Revista de Educação: Educação Patrimonial. Nº5. ano 1. Guarulhos. 2012

RANALI, João. **Guarulhos. Historia e Estatística.** Guarulhos. s/e. 1944.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Guarulhos: Espaços Identitários sob a Mundialização.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP. 2003.

SOUZA, Daniel R. M. **A manipulação fotográfica como processo de representação do real: a reconstrução da realidade**. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa - 6º Congresso SOPCOM – 2009.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado - história oral**. Paz e Terra, Rio de Janeiro 1992.